

"Lisboa, Alegre e Triste"

Lisboa tem um nó na garganta
Por isso quando canta
É a alma que chora
Lisboa é como uma criança
Que sai de madrugada
Pelas vielas, vai à praça
Vender sonhos, foge à escola

Perdida no meio da multidão
Anda de mão em mão
Tem um olhar profundo
Que pede, suplica ao passar
(É marcha popular):
Oh meu querido Santo António
De Lisboa e do mundo

Ai canta-me um fado
Começa baixinho, ninguém vai ouvir
Depois à janela
Grita a vida é bela e toca a sorrir
Recolhe a tristeza
Estende-a sobre a mesa que a casa é assim:
Ainda é portuguesa
Paredes caiadas, cheiro a alecrim

Lisboa também é procissão
É bombo, acordeão
O som de uma fanfarra
Severa, Amália e saudade
Amores proibidos
Nos sentidos consentidos
Nas cordas de uma guitarra